



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 1, volume 5, artigo nº 05, Janeiro/Junho 2019
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n1a5>

HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE: REVISÃO DE LITERATURA

Carlos Jordan Lapa Alves¹

Doutorando em Cognição e Linguagem

Resumo: Este trabalho tem como objetivo tentar remontar a história da homossexualidade em diferentes tempos e espaços, além de oferecer aos jovens pesquisadores uma visão panorâmica e introdutória da temática. Desta forma, apresentamos a homossexualidade desde a História Antiga ao Brasil Colonial desmistificando a ideia de que o homoerostimo sempre foi visto como prática abominável e indesejada.

Palavras-chave: história; homossexualidade; sexualidade.

Abstract: This work aims to re-trace the history of homosexuality in different times and spaces, in addition to offering young researchers a panoramic and introductory view of the theme. In this way, we present homosexuality since Ancient History to Colonial Brazil, demystifying the idea that homoeroticism has always been seen as an abominable and unwanted practice.

Keywords: history; homosexuality; sexuality.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a sexualidade humana multiplicaram-se nos últimos anos, a luz das mais variadas Ciências. Entretanto, cabe as Ciências Humanas e Sociais a busca por uma visão conjuntural onde as relações sociais, psicológicas, históricas e antropológicas sejam embutidas em um aparato teórico-metodológico que consiga explicar a interferência,

¹ Universidade Estadual do Norte Fluminense, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes/ RJ, jordan.alves@hotmail.com

as relações e as intrinsidades da sexualidade no comportamento humano, pois, desta forma, as Ciências do Homem conseguirão analisar os discursos e fundamentos ideológicos produzidos e que sustentam determinadas verdades sobre a temática. Dito isso, consideramos nesta pesquisa a sexualidade humana como de natureza ontológica, pois os pesquisadores da sexualidade são frequentemente convidados a buscarem o entendimento do ser, da existência e das múltiplas realidades (NUNES, 1987).

Em outras palavras, a sexualidade configura-se como um tema antológico, pois cabe as Ciências Humanas e Sociais a preocupação com o além das estruturas e formações biológicas. Existe na sociedade tardia a necessidade de superar o pensamento colonial de que a sexualidade vincula-se restritamente ao coito e aos órgãos genitais. A emancipação deste pensamento possibilitará vislumbrar a sexualidade como parte das relações sócio-humanas, podendo assim, a sociedade repensar velhos conceitos, criar novos critérios, desconstruir preconceitos e reformular concepções engendradas por séculos de achismos e redundâncias, uma vez que, para Deleuze (2005, p.63), “o que é característico das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim terem-se dedicado a falar dele ininterruptamente, valorizando-o como segredo”.

Assim, apresentamos neste artigo uma revisão de literatura sobre a história da homossexualidade em variadas sociedades, tempos e espaços, pois sentimos falta nas publicações atuais artigos que remontem a história do amor entre iguais, ou, pelo menos, tentem, uma vez que, reduzir o homoerotismo em algumas páginas é tarefa devoluta. Desta forma, essa é uma tentativa que pretende auxiliar e fornecer uma visão ampla e geral do tema para jovens pesquisadores.

1.Desenvolvimento

1.1 A sexualidade a luz de Foucault

Michel Foucault ocupa um papel de destaque dentro dos estudos sobre sexualidade, pois além de ser um dos pioneiros na área, seus estudos abarcam uma visão multifacetada sobre a sexualidade. Assim, propomos uma discussão sobre a sexualidade à luz de seus conceitos e pensamentos.

Foucault na obra *História da Sexualidade a Vontade de Saber* (1999), dentre os vários aspectos que são analisados, o autor evidencia a *Scientia Sexualis* como mecanismo de controle e vigilância da sexualidade, arquitetado por um discurso científico, em outras palavras, a *Scientia Sexualis* era o instrumento de promoção de supostas verdades controlando tudo o que era produzido sobre a sexualidade e as relações sexuais, por consequência, coibindo a naturalidade e a intrinsidade desta na formação humana. Tal

mecanismo se instalou no Ocidente e um dos meios pelo qual se exercia era através da institucionalidade da confissão, confissão do prazer, pois através deste mecanismo a Igreja Católica mantinha sob seu controle as verdades sobre o sexo e a sexualidade. Nas palavras de Foucault (1999, p. 58-59):

Desde a Idade Média, pelo menos, as sociedades ocidentais colocaram entre os rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade: a regulamentação do sacramento de penitência pelo Concílio de Latrão em 1215(...) além dos rituais probatórios das cauções dadas pela autoridade da tradição, além dos testemunhos, e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstração, a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir verdade.

Foucault (1999) evidencia a divisão imposta pela Igreja Católica no medievo, uma vez que para os homens de Cristo existiam apenas dois caminhos a serem seguidos: de um lado a santidade e a salvação e do outro a vida mundana e o inferno. O fato é que, para Igreja Católica, a única forma de cruzar estas fronteiras seria através da confissão. Desta maneira, os cristãos estariam mais próximos do paraíso e mais longes das perversidades e dos comportamentos desviantes. Pressionados pelo medo e ameaçados pelo fogo do inferno, as pessoas confessavam seus pecados, seus adultérios e seus crimes aos padres e recebiam a penitência, por conseguinte, ganhavam o paraíso e a Igreja Católica à oportunidade de controlar a sociedade através dos medos e dos segredos (FRANCO JUNIOR, 2006; LE GOFF, 2007).

Entretanto, a partir do século XVI ao XVIII a Igreja passou a exercer um poder mais prático e controlador, denominado de poder pastoral, ou seja, mais íntimo, portanto, destinando um lugar especial à sexualidade. As vontades da carne, os atos, as posições sexuais e a vida leviana passaram a ser cautelosamente controlados e punidos pela igreja através do poder pastoral. Por esse motivo, se antes o confessionário era usado para controlar e punir os pecados praticados o poder pastoral começou a punir não somente os atos concretizados, mas os pensamentos e os desejos também eram para ser confessados (FOUCAULT, 1999).

[...] tudo deve ser dito. Uma dupla evolução tende a fazer, da carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular, pois que é um mal que atinge todo homem e sob as mais secretas formas: 'Examinai, portanto, diligentemente, todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, a vontade. (FOUCAULT, 1999, p. 23).

Assim, o confessionário, através do poder pastoral, buscava capturar a natureza ontológica do pecado, ceifar a natureza pecaminosa do homem na raiz e controlar suas ações através do medo. Para Foucault, (1999) algumas atitudes que eram restritas a vida

monástica tornaram-se universais durante os séculos XVI e XVIII. Todos os cristãos deveriam segui-las, caso contrário, estavam condenados ao fogo do inferno.

Os fiéis de Cristo eram pressionados a se autovigiarem de forma constante e permanente, pois, desta forma, iriam controlar e aniquilar os pensamentos mais íntimos e pecaminosos relacionados aos desejos da carne e do prazer. Para alcançar o paraíso era preciso controlar o corpo, mas percorrer os labirintos da alma sem fraquejar nos desejos carnis ou mentais, nos conta Foucault (1999). O desejo, desta maneira, era estudado cartesianamente até ser sufocado. Para Foucault (1999), a Igreja conseguiu mapear e controlar as vontades dos indivíduos pela alma através da “decifração de si”, da “hermenêutica do desejo” e da “renúncia da carne”.

Neste período da história humana os *manuais confessionais* passaram de forma gradativa a (re)afirmar a importância dos sonhos, dos desejos e das vontades. Mostravam ao pecador as punições relacionadas aos perigos dos sonhos, das imaginações e dos desejos mais íntimos, mas que, em contrapartida, colocavam a salvação da alma em risco. Os *manuais confessionais* representavam a ideia de que era preciso ficar em constante vigilância, pois a cada minuto a salvação estaria em risco, a cada pensamento desviante, a cada olhar insinuoso, a cada resquício de prazer sexual o inferno estaria mais próximo. Posto isso, alerta Foucault:

Examinai [...] com exatidão todos os vossos sentidos... Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordados, não lhes teríeis dado o vosso consentimento (FOUCAULT, 1999, p. 23).

Desta forma, criou-se na mentalidade dos cristãos a necessidade de dissecar o pecado, mapear a raiz das vontades, cercear os sonhos e coibir os pensamentos pervertidos, mas para isso o indivíduo deveria ficar em constante vigilância, pois estes pecados eram involuntários. Eram silenciosos. Em outras palavras, “os pecados por vontade, por palavra e por obra são de uma mesma espécie. Por conseguinte o estupro mental, que é a vontade de ter cópula carnal com uma virgem, será da mesma espécie que o estupro real, que é a cópula” (ALMEIDA, 1993, p. 66).

Contudo, no final do século XVIII, segundo Foucault (1999), podemos observar uma aproximação entre os médicos e a sociedade, pois a população buscava nos profissionais ajuda qualificada, diagnóstico preciso e exames confiáveis. Logo, o mercado médico se fortaleceu, por consequência, o discurso médico invadiu as casas dos indivíduos antagonizando com os discursos religiosos. Tal façanha foi possível pelo poder econômico e político exercido pela burguesia neste período (COSTA, 1983).

Assim, o final do século XVIII e início do século XIX foi marcado pela disputa de controle e dominação sobre a verdade entre clero e as instituições médicas (COSTA, 1983). Entretanto, com a Igreja Católica enfraquecida pelos escândalos e abusos de poder, o discurso médico tornou-se mais aceito pela sociedade e, principalmente, pela burguesia ascendente que enxergava nas explicações científicas uma forma de emancipação da doutrinação religiosa (FOUCAULT, 1999;1998).

Um rápido crepúsculo se teria seguido a luz meridiana até as noites monótonas da burguesia vitoriana, A sexualidade é, então, cuidadosamente encerada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir (FOUCAULT, 1999,p.9)

Logo, a família burguesa tomou para si a concepção de sexualidade ligando-a a ideia de reprodução. Desta forma, galgando novos conhecimentos e determinadas verdades, a medicina e a psiquiatria começaram a desenvolver um papel especulativo sobre a sexualidade humana. Era preciso, em outras palavras, substituir o senso comum, reproduzido pela Igreja, pelas engrenagens científicas. Entretanto, o método seria aquele utilizado pela igreja no medievo: a confissão (FOUCAULT, 1999;1998).

Segundo o discurso médico, através da confissão o confessor e o investigador obteriam informações que até então eram desconhecidas para ambos. Assim, essas confissões iriam supostamente alargar o conhecimento que se tinha sobre o que era a sexualidade humana. Além das confissões no âmbito médico os interrogatórios policiais foram utilizados como base para desenvolver o conhecimento na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral e na crítica política (FOUCAULT, 1999;1998; COSTA, 1983).

Entretanto, para o historiador das proibições, a sexualidade deve ser vista como um dos elementos pelo qual o poder se exerce. É através dela que se fazem manobras, outorgam decisões, sancionam verdades, funcionando como técnicas móveis e poliformas de poder. Assim, para Foucault (1999), a partir do século XVIII tornou-se possível distinguir quatro formas de controle da sexualidade como instrumento de poder: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso.

Para o francês, sexualidade é o nome dado ao dispositivo histórico que controla os saberes e o poder, manipula os corpos, domina os prazeres e é senhora dos discursos. Através da sexualidade controlam-se as vontades e as resistências (FOUCAULT, 1999;1998).

Em suma, a sexualidade durante anos foi vista como algo a ser controlado, vigiado e como vontade a ser eliminada da vida. Com o passar dos anos, o (re)pensar das ideologias e das verdades a sexualidade, também, foi (re)vista por teóricos, instituições e, até mesmo, pela Igreja Católica, que durante anos foi a detentora da verdade sobre o assunto. A sexualidade foi aceita como parte e elemento estruturante da existência humana e, com passar dos anos, vários povos, nações e sociedades remodelaram-se a luz das novas estruturas. Novas ideias surgiram, novas paixões emergiram e novas noções de sexualidade foram sendo adaptadas aos novos conceitos de sociedade.

Vivemos em uma sociedade que, em grande parte, marcha 'ao compasso da verdade' – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por esse motivo poderes específicos. A produção de discursos "verdadeiros" (e que, além disso, mudam incessantemente) é um dos problemas fundamentais do Ocidente. A história da "verdade" – do poder próprio aos discursos aceitos como verdadeiros – está totalmente por ser feita (FOUCAULT, 2007, p. 128).

1.2 Sodomitas, homossexuais e bichas: a homossexualidade ao longo da história

A homossexualidade é tão antiga quanto à própria humanidade, já dizia Goethe (1749-1832) (MOTT, 2006). Buscamos, partindo deste pressuposto, formular uma análise que tentará reconstruir os caminhos trilhados pela homossexualidade e pelos amantes do mesmo sexo nos mais variados povos e culturas.

Entretanto, cabe em um primeiro momento, (re)pensar a constituição e definição da palavra homossexual, pois ao longo do tempo diversas foram as sociedades que tentaram adjetivar e caracterizar o comportamento dos amantes do mesmo sexo. Tão igualmente diversos foram os filósofos, médicos, historiadores e sociólogos que tentaram entender as origens, causas e possíveis curas para o comportamento homoerótico. Portanto, exige-se certa cautela ao invocar determinados conceitos, pois cada sociedade tem uma forma singular de olhar para a homossexualidade, por exemplo, o discurso médico considerou a homossexualidade um distúrbio psicossocial até o ano de 1950 (GIDDENS, 1993). Disto isso, Fry e MacRae (1985, p. 15) consideram que, “as práticas e as idéias associadas à homossexualidade variam de contexto e de cultura para cultura, e de segmento para segmento numa sociedade estratificada”.

Para Spencer (1996), a palavra homossexual apareceu pela primeira vez em inglês na década de 1980, usada por Gilbert Chaddock, pesquisador e tradutor de *Psychopathia Sexualis*. Entretanto, originalmente a palavra tem origem alemã, pois, ainda segundo o autor, foi encontrada em panfletos alemães sem identificação de autoria em 1869, período no qual, filósofos, linguistas, médicos e curiosos procuravam compreender as origens da

homossexualidade e categorizá-la. Tais manifestações demonstram a mudança e ruptura na forma de pensar a homossexualidade, pois antes não existia sequer a preocupação em entender o comportamento dos amantes do mesmo sexo e, portanto, não existiam categorias sexuais (SPENCER, 1996).

Entretanto, em *O que é homossexualidade* (1985), Fry e MacRae, apresentam dois termos que os estudiosos costumavam usar para se referir ao comportamento homoerótico, para saber: homossexual e uranista. O primeiro foi, segundo os autores, criado em 1869 pelo médico húngaro Karly Maria Benkert. O segundo surgiu através dos estudos do alemão, Karl Heinrich Ulrichs, que escreveu profusamente entre 1869 e 1890. O neologismo “uranista” surgiu pela associação com a mitologia grega, a Deusa Urânia que, no mito platônico, seria a protetora dos amantes do mesmo sexo.

No entanto, adotamos nesta pesquisa o conceito de Albert Ellis, autor do *The guild dictionary of homosexual terms* (1965), que considera a homossexualidade como um comportamento humano onde o indivíduo sente atração sexual por pessoas do mesmo sexo. Entretanto, cabe explicar que, ao longo do tempo, múltiplas foram as formas de nomear o comportamento homossexual. Contudo, como já dito, a infinidade de culturas sombreia a multiplicidade dos termos: pederastas, sodomitas, homossexuais, uranistas, homoeróticos. Em contrapartida, os homoeróticos rejeitaram terminações e nomenclaturas socialmente mais aceitas como, por exemplo, “entendidos”, para adotar categorias locadas no limbo da sociedade: *bicha*, *viado*. No entanto, a postura tinha um propósito: ressignificar as terminologias e proporcionar uma autoaceitação nos próprios homossexuais. Sendo, portanto, uma forma de esvaziar o estigma por trás das palavras.

1.3 Homossexualidade no Mundo Antigo

Ao parafrasear Goethe, Luiz Mott (2006) afirma que o casamento entre pessoas do mesmo sexo é quase tão antigo quanto à própria humanidade. Para explicar sua afirmação, o antropólogo busca nas ruínas da sociedade egípcia as referências históricas ao homoerotismo. Assim, Mott (2006) descreve a relação sexual do casal divino, os deuses Horus e Seth. Ainda explica que o povo hitita, há quase quatro mil anos, formulou uma legislação que permitia o casamento entre indivíduos do mesmo sexo. O antropólogo vai mais longe e, baseado nos estudos do historiador J. Boswell, da Universidade da Califórnia, afirma que o casamento entre dois homens é mais antigo que o próprio matrimônio heterossexual. Portanto, Luiz Mott classifica a homossexualidade como um comportamento tão antigo e legítimo, quanto à própria heterossexualidade.

O fato é que, muito mais que qualquer outra civilização, os gregos permeiam na mentalidade ocidental como um povo livre das amarras morais e religiosas, arraigadas sobre

o corpo, o prazer carnal e, principalmente, sobre as relações sexuais entre dois homens (DOVER, 1994). Inicialmente, às relações que chamamos homossexuais, mas que para os próprios gregos não havia um termo específico, iniciava-se como uma prática pedagógica, entre um homem mais velho e seu pupilo. No entanto, toda Grécia Antiga, segundo Dover (1994), era imersa em uma atmosfera erótica que idolatrava o corpo, pensava na sexualidade e desenvolvia os prazeres carnis desvincilhados de qualquer pecado ou blasfêmia religiosa, - o que nos permite, com as devidas limitações, pensar o seu avanço em relação à sociedade brasileira do século XXI.

É importante ressaltar que diferente dos homoeróticos na sociedade contemporânea, os praticantes do amor entre os iguais não eram perseguidos e estigmatizados pela sociedade grega, pelo contrario, circulavam entre os donos do poder. Uma vez que, a própria pederastia tinha conotação pedagógica e, portanto, era vista como um processo de refinamento educacional dos futuros senhores, os eupátridas. Além de que, segundo Sousa (2008), a sociedade grega vivenciava um período de eloquência cultural dando, assim, prioridade aos estudos musicais, filosóficos e poéticos, ou seja, aqueles ensinados pelos sábios.

“(...) a pederastia desempenhou papel fundamental na educação do adolescente. Por meio de freqüente ligação, especialmente no ginásio, com um amado e admirado homem mais velho, objeto de ardente atração, a quem o jovem companheiro tomava por modelo, o adolescente era gradativamente iniciado na vida adulta e aprendia a tornar-se, por sua vez, um ‘completo cavalheiro’, um kalokagathos (‘literalmente, belo e bom (ou valente)’) (MARROU, 1998.p. 216).

Para Sousa (2008) e Marrou (1998), a legitimidade com que a sociedade grega encarava as relações sexuais entre dois iguais se encontra justamente na formação humanística que a relação transmitia e os resultados culturais alcançados pelo dispositivo educacional ao longo de sua história. Além disso, os autores buscam explicar a presença das relações sexuais entre iguais, no seio da sociedade grega, como uma consequência da colonização Dória, no entanto, mesmo assim, sendo praticamente impossível afirmar com certeza a origem da pederastia, pois faltam documentos históricos e provas científicas para referenciar tal teoria.

Entretanto, Foucault (1998) em *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*, questiona algumas ideias disseminadas na sociedade moderna sobre a liberdade sexual na sociedade grega e alerta para o fato de que mesmo sendo socialmente aceita e comumente utilizada como mecanismo educacional as relações entre iguais eram questionadas em determinadas situações, por exemplo, entre dois homens intelectualmente e fisicamente formados, pois, para o francês, a pederastia era apenas bem vista entre um homem mais

velho e um adolescente, pois, assim, existia o aprendiz e o sábio, o passivo e o ativo. No entanto, entre dois homens adultos questionava-se a masculinidade destes, pois um deveria ser o passivo. Isto é, um abandonava sua masculinidade, acontecendo, portanto, um “ethos de penetração e dominação”. (HALPERIN, 1989, p. 34-35).

Não muito diferente da sociedade grega, os romanos construíram uma liberdade sexual muito afrente do seu tempo, talvez por, inicialmente, não ter a influência dos dogmas cristãos, os romanos puderam desenvolver a sexualidade à luz dos seus prazeres. Contudo, como na sociedade grega, em Roma, a relação entre dois iguais era socialmente aceita, mas entre homens de posições hierárquicas distintas, ou seja, deveria haver uma relação de dominação entre o senhor e o servo (POSSAMAI, 2010). Tornando-se, assim, um comportamento costumeiro entre os aristocratas, já que a sociedade romana era extremamente estratificada e baseada no escravismo. No entanto, Possamai (2010), nos lembra de que as relações sexuais entre iguais e, principalmente entre subordinados e os subordinantes, não era uma exclusividade romana, já que em quase todas as sociedades do mediterrâneo encontramos a prática do amor entre iguais.

De fato, a homossexualidade era vista como legítima e normal entre os grandes aristocratas da Roma Antiga, mas existiam regras rígidas para delimitar sua existência no território romano. Era de comum acordo entre os homens fortes e viris que a prática sexual entre iguais deveria ser efetuada respeitando a virilidade e o poder de Roma. Isto é, conjurava e exigia do homem romano a posição de dominação, virilidade, poder e penetração sobre o outro homem, sempre de outra origem étnica, pois as relações sexuais entre iguais de origem romana eram desprezadas e abominadas pela sociedade, já que a virilidade deveria ser uma condição intrínseca do homem romano (POSSAMAI, 2010).

Desta maneira, quem ultrapassasse o limite socialmente aceito sobre as relações entre iguais seria punido socialmente e, em alguns casos, juridicamente. Torrão Filho (2010, p. 74) cita o exemplo de um aristocrata que foi ridicularizado, através de versos, na sociedade romana por permitir ser penetrado por seu escravo:

Teu jovem escravo está mal de sua vara;
Tu Névolo, estás mal de teu cu.
Eu não sou feiticeiro: mas adivinho o que fazes.

Em outro momento, o autor ilustra o escárnio produzido sobre uma família em que o pai é um reconhecido ladrão e o filho um prostituto:

Mestres dos gatunos de banhos públicos,
Viibério pai e o marica do filho
(que se o pai tem a direita mais suja,
o filho tem o cu mais insaciável),
Por que não partem para o exílio a terras
malditas, já que todos estão ao corrente

dos roubos do pai e tu, filho, não podes
vender tuas peludas nádegas nem por um centavo?
(TORRÃO FILHO, 2010, p. 74)

Possamai (2010) e Torrão Filho (2010) apontam em seus estudos que além da prática sexual como agente passivo, o código moral romano proibia a felação, o que em nossa sociedade costumamos chamar de sexo oral, pois cabia ao homem romano sentir prazer e jamais fornecê-lo ao escravo, uma vez que, era a obrigação do subserviente agradar seu senhor. Assim, os praticantes da felação também eram motivos de chacota e de perda de *status* social. Torrão Filho (2010), nos conta o seguinte exemplo:

Como poderia eu explicar, Gélio, por que esses lábios de rosas
Tornam-se mais brancos do que a neve invernal
Quando saís de casa pela manhã e quando nos longos dias
De verão te levantas às duas horas de uma indolente sesta?
E não sei o que acontece de verdade: será certo o que se cochicha
Que devoras a parte grossa e tesa de um homem?
Sim, é verdade: o que proclamam os flancos destroçados do pobre
Vítor e teus lábios manchados do leite ordenhado. (TORRÃO FILHO, 2010,
p. 74)

Portanto, podemos perceber que, o que, atualmente, chamamos de homossexualidade, vai estar diretamente ligada, no mundo antigo, ao domínio dos interesses pelo poder e, especialmente, na relação de superioridade de determinado indivíduo sobre o outro. Tomado na Grécia, como um mecanismo pedagógico essencial para a formação humanística e cultural do jovem eupátrida à fórmula de dominação e empoderamento sobre o corpo do dominado na Roma Antiga. Contudo, mesmo com as limitações sociais, jurídicas e morais, as sociedades que nos precederam assumiam as relações entre os iguais como normais e, até mesmo educativas.

1.4 Na idade das trevas² existia um arco íris

Com a queda do Império Romano (IV d. C) e a destruição de toda sua estrutura organizacional, para saber: economia, política, cultura, costumes e hierarquia social, iniciou, na Europa Ocidental, o fortalecimento de outra instituição que dominaria o cenário econômico, político e cultural durante séculos, a Igreja Católica. Assim, neste período, muitas concepções de corpo, sexualidade, certo/errado e os dogmas religiosos foram formados e muitos deles permeiam e permanecem intactos ao longo tempo, povoando o imaginário da sociedade Ocidental (LE GOFF e TRUONG, 2006).

² Entendo os esforços dos historiadores em desmistificar a Idade Média como Idade das Trevas. Sendo, assim, adoto o termo apenas como um contraponto ao normativismo da história que exclui as relações entre iguais dos percursos históricos.

O Cristianismo, que estava tomando força, era contrário a algo que os romanos já estavam habituados: os prazeres sexuais. Desta forma, pregavam o ato sexual como atividade humana exclusiva para a procriação e qualquer prazer vindo dele era pecaminoso e imoral. Para Le Goff e Truong (2006), o próprio casamento foi uma tentativa de controlar os desejos carnis, para alguns, inevitáveis. O sexo era permitido apenas dentro do casamento, sendo a virgindade e a castidade exaltadas, exigidas e fundamentais.

A Igreja acreditava ter a função de reprimir a sexualidade e fornecer instruções morais contidas nos livros do Antigo e Novo Testamento, para isso, as interpretando à luz de suas necessidades (LE GOFF e TRUONG, 2006). Pregava também a condenação e a desvalorização do corpo, em especial o da mulher, que estava expresso dentro dos ideais morais da Igreja, "é possível afirmar que o corpo sexuado da Idade Média é majoritariamente desvalorizado, as pulsões e o desejo carnal, amplamente reprimidos" (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.41).

Assim, com já dito, o sexo era apenas para procriação e se, porventura, a relação sexual sem este objetivo se concretizasse, os praticantes estariam cometendo um pecado capital e desafiando a ira do Criador. Sendo, portanto, o sexo oral, o coito interrompido, a masturbação, métodos contraceptivos, sexo pelo prazer e a relação entre iguais atos condenáveis aos olhos de Deus e da sociedade cristã (LE GOFF e TRUONG, 2006). Além disso, a fornicação, sexo fora do matrimônio, era algo imoral, um pecado. O corpo era entendido como o templo do Espírito Santo e profaná-lo com os prazeres da carne era altamente condenável aos olhos do Criador, como podemos observar na passagem bíblica escrita por Paulo:

Fugi da fornicação. Todo o pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que fornicava peca contra o seu próprio corpo. Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? (1 Coríntios 6:18-19)

O fato é que, segundo Santos, os ensinamentos cristãos foram sendo difundidos e "a moralidade cristã foi semeada investida de autoridade religiosa e social, que com o tempo se tornou inquestionável" (2002, p. 5). Com isso, a Igreja Católica legitimou a relação heterossexual em detrimento daquelas praticadas pelos amantes do mesmo sexo.

Para explicar as consequências do amor entre os iguais, a Igreja, com base no capítulo XIX do Gênesis, que narra a história de Sodoma, relacionou a tragédia, anunciada naquela cidade, com as práticas amorosas e sexuais entre os indivíduos do mesmo sexo. Entretanto, para Oliveira (2002), a condenação do deus cristão foi uma consequência do erro praticado pelos habitantes de Sodoma de não aplicarem corretamente as leis sagradas de hospitalidade. No entanto, o mesmo autor analisa que a primeira explicação foi mais

valorosa para a Igreja, pois promovia nos homens o medo em se relacionar com outros homens. Por sua vez, Chauí (1991), afirma que o medo da Igreja com a sodomia era essencialmente mercadológico, pois, sendo os amantes do mesmo sexo irreproduzíveis, a Igreja estaria perdendo fiéis e, por consequência, arrecadação.

Entretanto, segundo Torrão Filho (2000), mesmo com todas as restrições religiosas podemos perceber nas poesias, construídas na época, as relações sexuais e amorosas entre os iguais. O chamado amor cortês, em certo momento, começou a representar a sodomia entre os monges durante o século XII e XIII, renovando, segundo o autor, as relações constituídas entre os iguais durante a Grécia Antiga. Portanto, durante a Idade Média, segundo Torrão Filho (2000) e Oliveira (2002), as relações entre subordinados e subordinantes tornaram-se comuns no seio da Igreja Católica.

Contudo, com o fortalecimento político da Igreja, a condenação a sodomia e as práticas sexuais desvinculadas da reprodução passaram a ser punidas não apenas com julgamento teológicos, morais e jejuns, mas instituiu-se na Europa Medieval o Tribunal do Santo Ofício. Através do direito Canônico, a Igreja sancionou a sodomia como crime e punível com a fogueira (OLIVEIRA, 2002; TORÃO FILHO, 2000).

A partir dos séculos XIII e XIV a tolerância às relações entre os iguais foi cada vez menor. Arelado a isso, estava o fortalecimento dos Estados Absolutistas e do poder eclesiástico na Europa. Desta forma, leprosos foram mortos, mulheres acusadas de bruxaria, hereges e sodomitas presos, perseguidos e queimados vivos na fogueira (TORÃO FILHO, 2000). O diabo precisava ser destruído.

Torrão Filho (2010) conta, que a perseguição aos amantes do mesmo sexo foi democrática, no sentido de que nada e ninguém poderia escapar do julgamento de Cristo. Assim, até mesmo a Ordem dos Templários, monges cavaleiros, famosos, poderosos e respeitados em todo o continente foi desfeita, perseguidos e mortos acusados de iniciação a sodomia.

1.5 Nem tão santa a Terra de Santa Cruz

Precisamos, em um primeiro momento, considerar que as terras descobertas pelos portugueses foram povoadas tardiamente. Além disso, o modelo desenvolvido nos trópicos era muito diferente daqueles adotados pelos europeus na metrópole. Nas terras tupiniquins, a vida era bucólica, rural, extremamente arraigada em valores patriarcais, no mais, a sociedade se desenvolveu sem as grandes pompas e privacidades da vida na corte. Assim, as intimidades, a privacidade e as relações entre público e privado foram se tornando tênues, ao passar dos anos (FREYRE, 2003; VAINFAS, 2010).

Mott, em entrevista para Alves (2016), explica que o Brasil não foi colonizado por santos e intocáveis, mas a terra, recém-descoberta, foi inicialmente, povoada pelos indesejáveis da corte: bandidos, prostitutas e sodomitas. Além disso, para o antropólogo, as três matrizes étnicas (africanos, indígenas e europeus) que constituíram o Brasil como país, contribuíram definitivamente para a liberdade sexual e afrouxamento das regras sexuais impostas pela coroa portuguesa e pela santa mãe igreja. Pois, os povos indígenas que já habitavam a terra praticavam o nefando crime da sodomia (TREVISAN, 2002, VAINFAS, 2010).

São os tupinambás tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não cometam. São muito afeiçoados ao pecado nefando, entre os quais se não tem por afronta, e o que se serve de macho se tem por valente e contam esta bestialidade por proeza. E nas suas aldeias pelo sertão há alguns eu têm tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas (SOUZA, 1587 *apud* MOTT, 1985, p. 103).

Além da sodomia praticada pelos nativos da recém-descoberta terra, o tráfico negreiro possibilitou a proliferação das relações entre os iguais, pois, como salienta Mott (1985, p. 104), ao transcrever o depoimento do Capitão Cardonega, em 1681, “há entre o gentio de Angola muita sodomia, tendo uns com outros suas imundícies e sujidades, vestindo como mulheres. Eles chamam pelo nome da terra: quimbanda”.

Com isso, Mott (1985; 2006) afirma que a terra recém-descoberta tornou-se cenário propício para o florescimento das relações entre os praticantes do nefando crime da sodomia. Além da cultura dos africanos, dos ameríndios e dos portugueses, os recém-chegados encontram uma terra vasta, isenta de controle real ou papal e, além disso, não havia um equilíbrio populacional, ou seja, raras eram as mulheres brancas na nova terra, assim, os brancos se beneficiavam do direito de usar dos negros e dos índios para saciar seus desejos carnis (TREVISAN, 2002, VAINFAS, 2010). O fato é que, criou-se, pelas características já aludidas, a ideia de que abaixo do Equador não havia pecado (MOTT, 1985).

Entretanto, segundo Trevisan (2002), alguns europeus se assustavam com o *desvencilhamento* moral dos índios e dos negros. Ainda, segundo o autor, por vim de uma formação cultural arraigada em valores morais e religiosos rígidos, boa parte dos colonos se assustava com a naturalidade com que os nativos tratavam o sexo, a sexualidade e o corpo. Além disso, os europeus questionavam os papéis de gênero dentro das estruturas sociais das tribos, conforme o depoimento de Karl Von Den Steinen, alemão:

Quão elegante e nitidamente os homens trabalhavam, notava-se principalmente no arranjo das flechas. Havia aí muitas habilidadezinhas que parecia mais natural devessem ser confiadas a delicadas mãos femininas. Por exemplo, o adorno feito de miúdas e variegadas penugens, que eram

postas uma a uma no chão e meticulosamente arranjadas. E mesmo numa roda de bandeiras não se podia tagarelar e rir mais do que aí no baíto! Certamente, era pouco feminino quando de repente, para variar levantavam, se dois dos trabalhadores e ofereciam o espetáculo de uma luta corporal que os demais acompanhavam com o maior interesse. Erguiam-se, lutavam, derrubavam-se e depois continuavam seu trabalho, ou deitavam-se para o *dolcer far níente*. Muitas vezes encontravam-se pares enamorados que se divertiam debaixo de um comum cobertor vermelho (TREVISAN, 2002, p.66)

E, ainda, acrescenta:

A miséria dos costumes neste país me faz lembrar o fim das cinco cidades (bíblicas), por me parecer que moro nos subúrbios de Gomorra e na vizinhança de Sodoma (TREVISAN, 2002, p. 112).³

Desta forma, a coroa portuguesa manifestou preocupação com a colônia, pois sendo constituído pelos valores morais e religiosos da Igreja Católica, Portugal tinha medo que a recém-descoberta terra terminasse como as cidades bíblicas ou, até mesmo, como a famosa Ordem dos Templários. Afinal, segundo Soyer (2012), os lusos sabiam que coito anal representava um perigo para existência da coroa e da própria igreja.

A maioria dos habitantes da Espanha e de Portugal no início da modernidade tinham consciência de que Deus bem poderia infligir o mesmo destino sobre seus próprios reinos se sua sociedade não expurgasse energeticamente o pecado nefando. Como será óbvio pelo que segue, desastres militares e naturais como fome, seca, terremotos e enchentes foram frequentemente racionalizadas como resultado de tolerância excessiva e esforços insuficientes para prevenir ou punir condutas sexuais imorais e homossexuais eram frequentemente transformados em bodes expiatórios. (SOYER, 2012, pp. 27-28)

Assim, a coroa portuguesa institucionalizou o Tribunal do Santo ofício. A inquisição portuguesa teve início em 1536, sendo que apenas em 1553 o rei D. João III autoriza a perseguição a sodomitas – o reconhecimento papal à jurisdição inquisitorial portuguesa sobre a prática da sodomia ocorre somente em 1562 (SOYER, 2012; MOTT, 1985; TREVISAN, 2002).

Entretanto, antes do Tribunal do Santo Ofício atracar em terras tupiniquins os donatários eram responsáveis por julgar e condenar os praticantes do nefando crime, “a instrução de D. João III a Duarte coelho, em 1534, autorizando-o a condenar e mandar executar, sem apelação nem agravo, os sodomitas de qualquer realidade que lhe viessem às mãos” (VAINFAS, 2010 p. 211).

³ Testemunho do bispo do Pará que, no século XVIII, protestava em carta à corte contra a sodomia praticada pelos colonos.

Toda pessoa, de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia per qualquer maneira commetter, seja queimado, e feito per fogo em pó, para que nunca seu corpo e sepultura possa haver memoria, e todos seus sejam confiscados para Coroa de nossos Reinos, postoque tenha descendentes; pelos mesmos casos seus filhos e netos ficarão inhabiles e infames, assi como daqueles que cometem crime de lesa majestade (ORDENAÇÕES FILIPINAS, Liv. 5.º, tit. XIII).

Entretanto, Lana Lage (1999), pioneira nos estudos sobre os processos inquisitoriais no Brasil, defende a ideia de que houve em território brasileiro uma Inquisição Moderna, ou seja, um processo distinto daquele aplicado na Idade Média, pois com o alvorecer da Reforma Protestante e a perda constante de fiéis, o poder da Igreja católica ficou enfraquecido. Contudo, segundo Mott (1985), mesmo enfraquecida, a Igreja, através do tribunal, fez suas vítimas: Um jovem índio no Maranhão, que foi amarrado na boca de um canhão sendo seu corpo estraçalhado com o estourar do morteiro e um jovem negro morto açoitado.

Ao estudar os processos inquisitoriais de sodomia no Brasil, Mott (1985) percebe que nem sempre o interesse pela prática sexual, entre dois iguais surge do dominador, ou seja, do branco, uma vez que, os negros se insinuavam aos seus senhores em busca do prazer através da cúpula anal. Assim foi o caso de Bastião de Moraes, pernambucano, com o negro Domingos, 22 anos. O mulato foi à cama de Bastião:

E o provocou a pecarem de maneira que, com efeito, o dito Domingos virou a ele confessante com a barriga para baixo e se lançou de bruços sobre suas costas e com seu membro viril desonesto penetrou no vaso traseiro dele, confessante, e dentro dele cumpriu, fazendo com ele por detrás como se fizera com mulher por diante, e ele isto mesmo fez também ele confessante com o dito Domingos, de maneira que ambos alternadamente consumaram na dita noite duas vezes o pecado nefando de sodomia, sendo um deles uma vez agente e outra paciente (MOTT, 1985, p.109).

Ainda segundo o autor, o Tribunal da Inquisição não estipulava idade mínima para suas vítimas, pois o antropólogo cita como exemplo, o caso do menino Bartolomeu Pires, de 11 anos, branco e natural de Olinda. Segundo Mott, o garoto dormia tranquilo na rede com João Fernandes, mameluco, 18 anos, quando “o mameluco se lançou de bruços e ele meteu seu membro viril pelo vaso inferior do mameluco, tendo ajuntamento carnal” (1985, p.109).

Com isso, percebemos a presença do amor entre iguais desde o gene da formação do Brasil. Mesmo sendo coibida, amaldiçoada, julgada e condenada ao fogo, as relações sodomíticas e seus praticantes resistiram ao tempo e aos seus algozes. Talvez, ao buscar em Foucault, na ideia de que em todo sistema onde o poder se manifesta há uma resistência, consigamos entender a insistência dos amantes do mesmo sexo.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História Tradicional por anos apagou mulheres, crianças e homossexuais dos caminhos e das páginas da história, mas nos últimos anos historiadores viesados pela perspectiva cultural e social contribuíram com profundos estudos com a finalidade de reescrever a História pensando esses sujeitos como agentes construtores do conhecimento histórico.

Desta maneira, pensar a história da homossexualidade é pensar a história dos excluídos, dos marginalizados, dos sem tempo e espaço. Percebemos na sociedade atual que muitos acreditam que a homossexualidade é um comportamento recente e promovido pelas novas facilidades de ser e pensar. No entanto, há uma farta literatura que questiona o senso comum, pois o amor entre iguais foi legitimado por muitas sociedades em diferentes tempos e espaços.

Portanto, percebemos a presença do amor entre iguais desde o gene da formação humana. Mesmo sendo coibida, amaldiçoada, julgada e condenada ao fogo, as relações sodomíticas e seus praticantes resistiram ao tempo e aos seus algozes. Talvez, ao buscar em Foucault, na ideia de que em todo sistema onde o poder se manifesta há uma resistência, consigamos entender a insistência dos amantes do mesmo sexo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. **O gosto do pecado** – casamento e sexualidade nos manuais de confesores dos séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

CABRAL, Ronad Vieira; ROMEIRO, Artieres Estevão. **Sobre a sexualidade controlada: poder e repressão sexual em Michel Foucault**. Educação, Batatais, v. 1, n. 1, p. 87-106, jan./dez. 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983).

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DOVER, Kenneth James. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

ELLIS, Albert. **The guild dictionary of homosexual terms**. Washington: Guild Press Ltd., c1965.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Trad. de Raquel Ramalheite. 26ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 19ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 5.ed. São Paulo: Forense Univesitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23ed. São Paulo: Graal, 2007.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

HALPERIN, David M. **One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love**. New York; London: Routledge, 1989.

LIMA, Lana Lage da Gama. O Tribunal do Santo Ofício da Inquisição: o suspeito é o culpado. **Revista Sociologia Política**. [online]. 1999, n.13, pp.17-21. ISSN 1678-9873. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44781999000200002> .

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Tradução: Marcos Flamínio Pires. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. **As Raízes Medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio: Aeroplano, 2002: 19-42. P. 19)

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 1987.

MOTT, Luiz. Homo-afetividade e direitos humanos. **Revista Estudos Feministas**. [online]. 2006, vol.14, n.2, pp.509-521. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000200011>.

MOTT, Luiz. Relações Raciais entre Homossexuais no Brasil Colonial. *Revista Brasileira de História*, vol., 5, nº 10, 1985.

OLIVEIRA, R. Campo e Ação das Identificações na Constituição da Homossexualidade Masculina. Tese de doutorado em Psicologia. Brasília: Editora da UnB, 2002.

ORDENAÇÕES FILIPINAS. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

ROMEIRO, Artieres Estevão. **Schopenhauer e a metafísica da vontade: confluências éticas e estéticas para uma abordagem da educação e da sexualidade**. 21/06/2010. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2010.

SANTOS, Liany Silva dos. Moral sexual: a visão da Igreja Católica e sua influência na sociedade brasileira. In:_____. **Sexo Na Propaganda Da Tv: Imagens Dos Padrões Sexuais Da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Psicologia, 2002.p.45-63.

SOUZA, Luana Neres. **A pederastia em Atenas no Período Clássico**: Relendo as obras de Platão e Aristófanes. 2008. 133f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal de Goiás, Goiás. 2008.

SOYER, François. **Ambiguous gender in early modern Spain and Portugal**: inquisitors, doctors and the transgression of gender norms. Leiden; Boston: Brill, 2012.

TORRÃO FILHO, A. **Tríbadés Galantes, Fanchonos Militantes**: homossexuais que fizeram a história. São Paulo: GLS, 2000.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Ed. revista e ampliada. 5.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

POSSAMAI, Paulo César. Sexo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal. **Revista Bagoas**. n. 05. p. 79-94. 2010.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.